

IA com os pés no chão: tecnologia a serviço da vida e da Educação Popular

Kleber Massaro Rodrigues¹



ENTREVISTADO: **Kleber Massaro Rodrigues**

Esta entrevista foi concedida ao MEB/Brasília em outubro de 2025.

Revista MEB: Como a Inteligência Artificial pode ser aplicada de forma crítica e inclusiva no desenvolvimento humano, respeitando os princípios da Educação Popular promovidos pela UNESCO?

Kleber Massaro Rodrigues: A aplicação crítica e inclusiva da Inteligência Artificial (IA) no desenvolvimento humano exige que a tecnologia esteja a serviço da vida, do bem comum e da dignidade de todos – especialmente dos mais vulneráveis. Inspirado nos princípios da Educação Popular e nas diretrizes da UNESCO, entendo que a IA só tem sentido quando promove o protagonismo dos sujeitos, respeita os saberes locais e amplia o acesso aos direitos.

Mais do que uma ferramenta de consumo de dados, a IA precisa tornar-se um instrumento de leitura crítica da realidade, de produção coletiva de conheci-

mento e de fortalecimento da autonomia dos sujeitos e comunidades.

Em vez de isolar indivíduos com personalizações algorítmicas, a IA deve conectar saberes, ampliar vozes e democratizar o acesso à informação.

Isso significa criar tecnologias que ajudem comunidades a identificar suas próprias necessidades, traduzir conteúdos para línguas locais, organizar suas histórias orais e estimular o debate sobre temas relevantes. Mais do que nunca, é essencial desmistificar a IA: torná-la compreensível e utilizável, para que não sejamos objetos dela, mas sujeitos conscientes que decidem como, quando e para quem usá-la.

Como lembra o Papa Francisco na *Laudato Si'* e na *Fratelli Tutti*, o desenvolvimento tecnológico deve caminhar junto com o desenvolvimento ético e humano, sempre atento à justiça, à inclusão e ao cuidado com a Casa Comum.

Revista MEB: Quais são os principais desafios e possibilidades na incorporação da IA em contextos organizacionais que valorizam saberes populares e comunitários?

Kleber Massaro Rodrigues: Os desafios são muitos – e reais. Um deles é o risco de silenciar ou distorcer os saberes populares, já que a maior parte das IA são treinadas com dados de contextos hegemônicos, reproduzindo desigualdades históricas. Há ainda a ameaça da apropriação indevida dos conhecimentos comunitários e o perigo da dependência tecnológica de grandes corporações. Além disso, as barreiras de acesso digital – como falta de internet, equipamentos ou letramento digital e a falta de consciência crítica em seu uso – ainda são profundas em muitas regiões do país.

Mas também existem caminhos promissores. A IA pode ser usada para:

- Registrar e sistematizar saberes populares, preservando a memória viva das comunidades;

¹ Profissional com mais de 29 anos dedicados ao Desenvolvimento Humano e Organizacional. Doutor e Mestre em Estratégia pela PUCPR, com especialização em Gestão da Psicologia Organizacional e graduação em Pedagogia e várias formações no Brasil e no mundo. Atua em áreas corporativas, de saúde, educação e negócios. Foi consultor da UNESCO para a Educação. Atualmente é docente, palestrante e consultor da Divine Consultoria e Assessoria.

- Ampliar o acesso à informação com traduções automáticas, leitura acessível e legendas;
- Conectar comunidades por meio de plataformas colaborativas que incentivem a troca de experiências e a construção coletiva;
- Ajudar as comunidades a encontrar soluções locais, como no monitoramento ambiental ou no planejamento participativo;
- Criar narrativas que fortaleçam a identidade, a autoestima e a história das comunidades.

Essas possibilidades só se realizam plenamente se forem construídas com as comunidades, e não apenas para elas.

É preciso caminhar juntos, em sinodalidade, valorizando o “ponto de vista dos últimos”, como diz o Papa Francisco.

Revista MEB: De que maneira a IA pode ser utilizada na formação de lideranças comprometidas com a justiça social, a participação coletiva e a transformação das realidades locais, pilares da Educação Popular?

Kleber Massaro Rodrigues: A IA pode ser uma grande aliada na formação de lideranças transformadoras, se for orientada pela prática da liberdade – e não pelo automatismo. Em vez de substituir a experiência humana, a IA pode enriquecê-la, contribuindo com dados, análises e recursos que apoiem a ação crítica e solidária.

Ela pode ajudar lideranças a:

- Acessar e interpretar dados sobre desigualdades e direitos, fortalecendo sua atuação política e comunitária;
- Criar e participar de redes de formação e troca de saberes, mesmo a distância;
- Simular tomadas de decisão em cenários complexos, desenvolvendo habilidades de mediação e negociação;
- Potencializar sua comunicação com ferramentas acessíveis e inclusivas.

No entanto, é preciso formar essas lideranças para entender os limites e os riscos da IA, seus vieses e seus impactos sociais. Como dizia Paulo Freire, não se trata de aprender a repetir, mas de aprender a pensar criticamente. A IA deve ser uma ponte para a consciência crítica, não um atalho para a passividade.

Revista MEB: Como instituições como o MEB podem integrar a IA em seus processos pedagógicos sem perder de vista os princípios da Educação Popular, como o diálogo, a escuta ativa e a valorização do saber do outro?

Kleber Massaro Rodrigues: O MEB tem a missão histórica de promover uma educação que liberta, transforma e humaniza. Integrar a IA a esse processo não significa abandonar a escuta, o diálogo ou a relação face a face. Pelo contrário: a IA pode fortalecer esses princípios se for usada com sabedoria e intenção.

Algumas possibilidades:

- Utilizar a IA para registrar falas e narrativas das comunidades, valorizando a oralidade e a memória popular;
- Criar repositórios de saberes locais – verdadeiros “museus vivos” – acessíveis a partir de celulares simples;
- Apoiar educadores no planejamento pedagógico, com base em dados que reflitam a realidade dos grupos;
- Oferecer oficinas de alfabetização digital crítica, para que todos compreendam e dominem a tecnologia;
- Promover a cocriação de ferramentas com as comunidades, respeitando seus ritmos, prioridades e modos de viver.

Como ensina Boaventura de Sousa Santos, é preciso construir epistemologias do Sul também no campo digital. A IA pode ser um instrumento para que os saberes das margens se tornem centro, iluminando o caminho de todos.

Revista MEB: Sua mensagem para os leitores da Revista MEB de Educação Popular:

Kleber Massaro Rodrigues: A Inteligência Artificial não é apenas um tema do futuro – ela já é parte do presente. E como todo instrumento humano, ela traz consigo tanto riscos quanto oportunidades. Cabe a nós decidir como vamos usá-la: se para o controle e a exclusão, ou para a libertação e a inclusão.

Inspirados na espiritualidade da pastoral popular e na coragem profética do Papa Francisco, que muito abordou essa temática, é tempo de fazer da IA uma aliada da justiça social, da democracia e da vida digna para todos. Que a tecnologia esteja aos pés da humanidade – e não acima dela.

Que a IA não seja um muro, mas uma ponte. Não um ruído, mas um amplificador das vozes que historicamente foram caladas e que ecoam na história de vida de tanta gente boa. Que ela nos ajude a contar nossas histórias, defender nossos territórios e cultivar a esperança ativa que move as lutas populares.

Com os pés no chão da realidade e o coração no Evangelho da vida, sigamos juntos: educando, resistindo e semeando futuro com mãos abertas e mentes críticas.

A enxada não foi feita para encantar os olhos do agricultor, mas para servir em suas mãos e ajudar a cuidar da terra. Assim também deve ser a Inteligência Artificial: não para nos seduzir ou nos amedrontar, mas para estar a serviço da vida. Que seja ferramenta que nos ajude a arrancar as ervas daninhas da injustiça, cultivar a solidariedade e preparar o chão fértil da esperança. Mãos à obra, com fé, coragem e ternura.

Obs.: Estas respostas são minhas com o auxílio do ChatGPT e Gemini. Tais ferramentas de IA ajudaram a ampliar meu olhar sobre o MEB para dialogar melhor com seu público-alvo.